



“PELOS MEUS CRIAS EU MATO E MORRO FORA DA LEI”: AMIZADE, HONRA E CONFLITOS NAS DINÂMICAS FACCIONAIS

“FOR MY BROS I ALSO KILL AND DIE OUTSIDE THE LAW”: FRIENDSHIP, HONOR AND CONFLICT IN FACTIONAL DYNAMICS

“POR MIS HERMANOS MITO Y MERO FUERA DE LA LEY”: AMISTAD, HONOR Y CONFLICTOS EN DINÁMICAS FACCIONALES

Janrriyer Mota Santos¹

José Miranda Oliveira Júnior²

1

DOI: <https://doi.org/10.22481/sertanias.v5i1.15144>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, a partir de uma alegoria etnográfica, fazer uma reflexão e discutir a respeito da existência e dos modos operacionais dos coletivos criminais numa cidade do interior da Bahia, em que os pactos parentais e noções de amizade ganham contornos de extrema relevância para o entendimento do complexo movimento que permeia o denominado “universo do crime”, mediante falas de um interlocutor denominado Pivete.

Palavras-chave: Conflitos. Coletivos criminais. Violência.

Abstract: This article aims, from an ethnographic allegory, to reflect and discuss the existence and operational modes of criminal collectives in a city in the interior of Bahia, where parental pacts and notions of friendship gain contours of extreme relevance for understanding the complex movement that permeates the so-called “universe of crime”, through the speeches of an interlocutor named Pivete.

Keywords: Conflicts. Criminal collectives. Violence

Resumen: Este artículo tiene como objetivo, a partir de una alegoría etnográfica, reflexionar y discutir la existencia y los modos de funcionamiento de los colectivos criminales en una ciudad del interior de Bahia, donde los pactos parentales y las nociones de amistad adquieren contornos

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre e Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia (IFBA) – Campus Jacobina (BA) E-mail: janrriyer.mota@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2636-7589>

² Graduado em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialista em Gestão de Políticas públicas de Gênero e Raça (NEIM/ UFBA), Mestre e Doutorando em Educação (PPGE/UESB), Professor assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Campus Vitória da Conquista (BA) e tutor do Programa de Educação Tutorial Institucional – PETI/UESB Ciências Sociais. E-mail: jose.junior@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5133-4404>





de extrema relevância para compreender el complejo movimiento que permea el llamado “universo del crimen”, a través de los discursos de un interlocutor llamado Pivete.

Palabras clave: Conflictos. colectivos criminales. Violencia.

Contextualizando o “giro³”

Este trabalho tem por finalidade tecer reflexões sobre as dimensões do conflito e a significância da honra forjada nas dinâmicas faccionais do tráfico de drogas. Tomamos como recorte discursivo, eventos ocorridos numa cidade do interior da Bahia, não explicitaremos o nome real da cidade, tampouco, mapearemos localidades precisas e também, não citaremos nomes de interlocutores e atores envolvidos nas cenas que serão descritas no decorrer desse artigo. Utilizaremos duma alegoria etnográfica, contrastando realidade e ficção no intuito de garantir o anonimato dos sujeitos que colaboraram com as reflexões desenvolvidas no trabalho, a fim de garantir também, a integridade física aos interlocutores, a minha, enquanto estudante/pesquisador, pois trata-se duma temática inserida em contextos difusos, de repercussões imprecisas, de acolhida imponderável, de resultados incertos e de possíveis desdobramentos aos quais se desconhecem limites, características intrínsecas às pesquisas no âmbito dos coletivos/atividades criminais.

Buscamos localizar a discussão nos modos operacionais dos coletivos criminais e de como os códigos forjados no interior das facções se expandem ao exterior do cotidiano local, além de acompanhar os fluxos e atuações das facções, noções de amizade enquanto “pacto” parental, a honra enquanto movimento propulsor de garantias de pertencimento e prestígio nos coletivos que gerenciam o tráfico de drogas na cidade. É sabido que a atuação das facções, comandos, bandos, coletivos – e tantos outros nomes utilizados na literatura - não se restringem ao tráfico de drogas, o mercado das drogas não é o único movimento classificatório ou característico, existe uma série de fazeduras que compõe o repertório desse “universo do crime”.

Utilizamos metaforicamente a categoria universo, para explicitar a magnitude e complexidade das dinâmicas faccionais e dos constantes movimentos que o mesmo faz, sendo movimento, as fronteiras estabelecidas pelos recortes e delimitações territoriais – no que se

³ Girar, no sentido gramatical, significa mover-se em torno de um eixo, rodar. A categoria “giro” é recorrentemente utilizada pelos interlocutores que possibilitaram as reflexões desse trabalho para indicar atividade, movimento, reconhecimento espacial e uma maneira de se “amostar”, como partilhou um interlocutor. Girar é o mesmo que se apresentar para tornar-se reconhecido, identificável.





refere aos territórios faccionalizados por grupo A ou B -, não demarcam ponto final, são fronteiras sócio-espaciais em ponto de aceleração, passíveis a mudanças, extensões, retrocessos ou extinções. São pontos móveis, seguem ritmos e intensidades a depender das demandas e conjunturas políticas locais, sejam elas impostas pelo crivo da rivalidade ou disputa entre facções divergentes, ou pelas intervenções do Estado por meio das operações policiais sob a interface da “guerra às drogas”.

Não pretendemos dar conta de um problema específico ou compactar formulações que respondam ou classifique as maneiras como o tráfico de drogas “faz seus corres” por aqui, não há condição de generalizar ou condensar tais experiências ou lançar um único olhar/caminho para se compreender as linhas dos coletivos criminais, não se trata duma fórmula matemática ou de espaçamentos geométricos que carece duma receita operacional para equacionar um único resultado. O tráfico de drogas nessa pequena cidade, como em qualquer outra, até pode apresentar características comuns, mas jamais, padronizações universalizantes.

É corriqueiro vermos narrativas generalizadas sobre a performance dos Comandos/Facções, sobretudo pela especulação midiática traduzidas nos jornais e programas de cunho policiaisco, onde se tem como única base ontológica a discussão ou apresentação dos coletivos criminais sob a forma do “crime organizado”, sempre análogos a empresas, com estruturas organizativas, horários definidos e um fardamento comum a todos. As formas de existência ou as maneiras como as facções atualizam seus códigos, territórios, comércio, estratégias, táticas, amizades, são os marcadores que pretendemos acompanhar junto ao movimento do tráfico de drogas em suas dimensões do conflito e representações.

“Se não quer problema, então deixa o trem caro passar”

O título desse artigo, assim também como alguns dos tópicos que abordaremos são inspirados na música “A cara do crime – Nós incomoda” do MC Pose do Rodo. O efeito viral da música, concentrou-se sobretudo nas favelas e periferias, pois, a poética da canção traduz o cotidiano da juventude favelada, os algozes e alegrias da vida, as produções de subjetividades, sonhos e conquistas, a música funciona como um espelho que reflete a imagem, ou múltiplas imagens onde os sujeitos se veem em pixels singulares e também plurais. Se na linguagem da programação o pixel representa pequenos agrupamentos em linhas, pontos, colunas para formar imagens e cores, “A cara do crime”, nesse jogo de representações, elucida experiências e





identificações individuais e coletivas do cotidiano, ou nas palavras de Durkheim (2004), “a vida coletiva, tal como a vida mental do indivíduo, é feita de representações”.

A escolha da música não se deu pela ordem do acaso, ela possui significado. Ao encontrar um interlocutor para “trocar uma ideia” – termo utilizado pelo mesmo para nominar o encontro -, ao desbloquear o celular e navegar pela galeria de música, o jovem, escolheu essa música como trilha sonora da nossa conversa. Em alguns momentos, o “Pivete”⁴ se empolgava e parava a conversa para acompanhar o canto de algumas estrofes da música, como um dueto em programas musicais.

Sobre o Pivete, estamos falando de um jovem de 24 anos, pertencente a uma Facção denominada “Tudo 2” que responde ao ordenamento do Comando Vermelho (CV) na cidade. O lugar de onde localizamos a discussão desse trabalho, é uma cidade de médio porte no interior da Bahia que atende as demandas de várias cidades da região, pois possui uma infraestrutura em saúde, comércio, educação, lazer, inexistente na maioria dos outros lugares, portanto, serve de polo e suporte a cidadãos de municípios vizinhos. Outro ponto relevante sobre a cidade, é que está situada às margens, ou melhor, cortada ao meio por uma importante BR, inclusive, uma das principais rotas do tráfico de drogas e de outras mercadorias ilegais, pois a estrada, conecta-se a fronteiras interestaduais

A escolha da música não se deu pela ordem do acaso, ela possui significado. Ao encontrar um interlocutor para “trocar uma ideia” – termo utilizado pelo mesmo para nominar o encontro -, ao desbloquear o celular e navegar pela galeria de música, o jovem, escolheu essa música como trilha sonora da nossa conversa. Em alguns momentos, o “Pivete” se empolgava e parava a conversa para acompanhar o canto de algumas estrofes da música, como um dueto em programas musicais.

Sobre o Pivete, estamos falando de um jovem de 24 anos, pertencente a uma Facção denominada “Tudo 2” que responde ao ordenamento do Comando Vermelho (CV) na cidade. O lugar de onde localizamos a discussão desse trabalho é uma cidade de médio porte no interior da Bahia que atende às demandas de várias cidades da região, pois possui uma infraestrutura

⁴ Chamaremos o interlocutor de Pivete, pois é assim que ele se identifica, um molecote “cheio de vida, de sangue no olho e de paz no coração”. Em vários momentos, ao narrar alguma situação, ele recorria ao termo Pivete para falar dele mesmo: “tu sabe que o Pivete aqui é tranquilo”, “se não fosse o Pivete aqui, a coisa tinha inchado”.





em saúde, comércio, educação, lazer, inexistente na maioria dos outros lugares, portanto, serve de pólo e suporte a cidadãos de municípios vizinhos. Outro ponto relevante sobre a cidade, é que está situada às margens, ou melhor, cortada ao meio por uma importante BR, inclusive, uma das principais rotas do tráfico de drogas e de outras mercadorias ilegais, pois a estrada, conecta-se a fronteiras interestaduais.

Apesar de ser uma cidade relativamente pequena, comparada a capital baiana e por estar geograficamente localizada numa região interiorana, as dinâmicas faccionais são intensas e seguem fluxos parecidos à atuação de facções em cidades grandes e centrais, no que diz respeito ao comércio de drogas e os limites territoriais delimitados pelas disputas entre as facções. São duas facções que gerem o mercado das drogas no lugar, a do Pivete, “Tudo 2” que responde pelo Comando Vermelho (CV) – conforme mencionado acima-, e a “Tudo 3”, correspondente ao Primeiro Comando da Capital (PCC). A BR que corta a cidade, dividindo-a em duas partes, é a mesma que serve de marcador de limites dos domínios faccionais: a parte Sul, é “Tudo 2” e a parte Norte, “Tudo 3”. Hannerz (1997), afirma que “se ‘fluxo’ sugere uma espécie de continuidade e passagem, ‘limites’ têm a ver com descontinuidades e obstáculos. Entendo por limite uma linha clara de demarcação, em relação à qual uma coisa ou está dentro ou está fora”.

Com o início das atividades faccionais na cidade, que segundo o interlocutor, iniciou-se no ano de 2009, “o clima mudou”. Antes da chegada das facções, já existia o comércio de drogas, porém, os varejistas de drogas não possuíam conexão com coletivos criminais, nem agregavam ao movimento comercial, características de bando, como nas facções. Era um comércio “de boa, nas intocas, os cara tudo pai de família”, conforme nos disse o Pivete. Não existia também delimitações territoriais, provavelmente, o comércio de drogas funcionava na residência do vendedor, “os cara nem bandido era”, disse mais uma vez o interlocutor.

Ao perguntar sobre a chegada das duas facções na cidade e como se deu as negociações entre ambas, o Pivete compartilhou que no início, aparentemente, não havia nenhum problema, pois “cada um tava no seu cada qual, ninguém se metia em terra de ninguém, não atrapalhava as áreas, era cada um no seu corre”, mas que “os cara começaram a crescer o olho e querer tomar, invadir. Foi aí que a coisa pegou ar”. O caráter possivelmente amistoso que demarcou o início da transição do comércio de drogas na cidade, de um modelo mais despretensioso para uma estética de facção/bando foi quebrado a partir do interesse entre ambas as facções de expandirem seus territórios e conseqüentemente o comércio de drogas em áreas apostas, rivais.



A dimensão conflitual intrínseca a lugares – sobretudo cidades de pequeno e médio portes -, que possuem seus limites territoriais divididos por mais de uma facção, propicia a aproximação de um caráter mais bélico do conflito. Se a priori, com o advento das facções, apesar dos pontos divergentes e das rivalidades, a inexistência de incidências violentas, por um exemplo, se dava pelo cumprimento duma espécie de código de ética entre as facções de não usurparem territórios uns dos outros, os investimentos de transporem os territórios alheios, deflagrou ou articulou à dimensão violenta do conflito, segundo Cardoso de Oliveira (2010, p. 456), “Toda interação social tem uma dimensão normativa e que toda relação está sujeita a conflitos, disputas”.

A partir das disputas irrompidas, outros contornos foram rabiscados no cenário do tráfico de drogas e do cotidiano das facções. Por um lado, intensificou-se inimizades entre as facções, e por outro, os laços de amizade foram estreitados entre os iguais, no interior do movimento. Cardoso de Oliveira (2010, p. 454) nos aponta que “na Antropologia o objetivo seria desvendar o sentido das práticas locais, à luz do ponto de vista nativo, para apreender em que medida a singularidade do caso em tela teria algo a nos dizer sobre o universal”. A noção de amizade⁵ confunde, ou atravessa a noção de parentesco, família. Não são as relações consanguíneas que estabelecem graus de parentesco, é o pertencimento a mesma facção, que estreita laços de amizade, portanto, parentesco ou “irmandade”, como nos disse o Pivete: “aqui é amizade, é irmandade, é todo mundo igual, é um por todos”.

O pertencimento a uma facção aciona o compromisso à fidelidade. Ser fiel, nesse sentido, é uma simbiose entre sentimento e ação, é o pertencimento transmutado em cuidados para com a manutenção do coletivo, da facção e também no cuidado com o outro, o irmão. Sujeito e facção não se desassociam, estão imbricados, um reflete a imagem do outro, como o arco-íris no céu em dias de chuva e sol, que reflete a sua sombra em cores a ponto de confundir os olhos para a existência de dois arco-íris ao mesmo tempo, sendo que é apenas um, desafiando seus contornos. O Pivete é Tudo 2, e Tudo 2 é o Pivete. Onde o Pivete está, sua facção estará; onde a facção estiver, o Pivete também estará, como “sujeito coletivo de contornos indefinidos” (BARBOSA, 2013, p. 123), que assim como os seus irmãos de facção, se tornam “homens - fronteira” em “lugares- fronteira” (AGIER, 2016, p. 2).

⁵ Sobre a discussão de amizade no tráfico de drogas, ver Barbosa (1998).



Sendo o coletivo preponderante ao individual, as dinâmicas das facções não giram em torno da individualidade, é o compromisso pelo coletivo que imprime nos grupos criminais marcas identificatórias. É possível observar, na cidade, pichações que demarcam os espaços das facções, símbolos que remetem ao número 2 e também, ao número 3, são gráficos identitários, são marcas que situam quem “manda no lugar”, são tatuagens de rua, não são apenas expressões numéricas, os símbolos dizem sobre sujeitos, individuais e coletivos, os símbolos expressam a presença do Pivete e seus irmãos, e também traduzem a presença de inimigos, dum campo minado.

Ao perguntar ao Pivete sobre o porquê das pichações “Tudo 2” espalhadas pela cidade, inclusive em áreas que respectivamente não possuem “comando” das facções, ele explanou a seguinte metáfora: “Não tem as tatuagens? Quando a polícia dá um baculejo na gente, a primeira coisa que eles fazem é tirar foto das tatuagens, porque a aparência a gente pode mudar, corta o cabelo, pinta, tira a barba, bota uma roupa diferente, mas as tatuagens ficam aqui, pra sempre. A gente pinta pra ficar marcado que é área nossa – mesmo não sendo - e alemão não pode entrar. Teve uns alemão⁶ que apagou umas letras que a gente pixou e a gente viu bicho, fomos caçar os caras. Porque apagar carimbo nosso fere a honra da gente, apagou a letra porque não deu pra apagar a nossa vida, aí a gente tem que ter proceder, papo reto, senão os cara acha que a gente é besta, tem medo”.

O ato de apagar as pichações, orquestrado pela facção rival – Tudo 3-, desencadeou uma série de conflitos entre as facções. O ultraje foi percebido como um recado, ameaça e, portanto, necessitava de uma resposta. Se para um estudante, a borracha simboliza a possibilidade de apagar um erro para sobrepor o acerto, no tráfico de drogas, apagar uma pichação que carimba a presença de uma facção em respectiva área, é um desagravo a cada membro, a todos os membros. Um grande problema foi instaurado a partir desse evento, a ação foi percebida como um grande desagravo, um atentado a honra da facção, o mesmo que um forasteiro adentrar a sua casa e mudar a cor da parede da sua sala, ou mudar a fechadura do portão, impedindo a passagem do dono da casa, no caso, dos donos do território.

Voltando à música de Pose do Rodo, a estrofe que intitula esse tópico, “se não quer problema então deixa o trem caro passar”, diz muito sobre esse movimento relacional, sobre a amizade e sentidos atribuídos ao coletivo faccional, o problema constituído pelo apagamento

⁶ A categoria “alemão” é utilizada para designar inimigos, traidores, membros de facções rivais.





do carimbo “Tudo 2” no muro de uma rua, mexeu com o coletivo, e como resposta, “o trem caro passou”, para resgatar sua honra e reimprimir na parede sinais de existência e poderio. No tópico a seguir, abordarei o sentido da honra para as facções e de como ela se atualiza na noção de proceder.

Sobre a honra e o proceder

Conforme vimos acima, a honra da facção “Tudo 2” foi rasgada ao ter seu emblema apagado num dos muros que compõem o cenário do território gerido pela mesma. Iniciarei a discussão sobre a honra, recorrendo ao texto clássico de Peter Berger (1983), “On the obsolescence of the concept of honour”, no intuito de fazer um contrafluxo, pois enquanto o autor problematiza a obsolescência do conceito de honra, pegaremos outros rumos, ou seguiremos as pistas apresentadas pelo interlocutor que nos encaminha a um possível “resgate da honra”, ou a honra ponderada por outros contornos e contextos.

Berger (1983), partilhando das principais chaves conceituais e expectativas antropológicas sobre a dimensão da honra e seus limites e atravessamentos temporais, nos chama atenção, também, para as transições sociais que diluem a honra para incorporar a dignidade. Mas, é importante lembrar, que a diluição dum elemento, não extingue suas propriedades primárias. Tipo o sal, quando jogamos na água para o cozimento dum alimento qualquer, não percebemos a textura e coloração, mas o sabor salgado, denuncia ou anuncia, a presença do mesmo. E é nesse movimento que vamos seguir a honra e suas fronteiras. O autor faz o movimento de apresentação das linhas de início, continuidade e fim da honra, como uma estrada geograficamente cortada, com todos os seus pontos de definição ou repartição, com marcações de distância, sinalização de lugares íngremes e sinuosos e, por fim, o limite que separa – ou une - um lugar do outro. Pensando essas fronteiras conceituais em linhas de continuidade ou pontos de encontro – e despedidas, como canta Mercedes Sosa e como afirma o Berger.

Ao iniciar o artigo com a afirmação de que “A honra ocupa, no uso contemporâneo, aproximadamente o mesmo lugar que a castidade” (BERGER, 1985, p. 1), o autor nos remete ao tempo em que a ausência da honra e a perda da castidade, configuravam ofensas morais aos sujeitos despojados de tais predicados. Mas, segundo o autor, ambos os conceitos estão em





desuso na *weltanschauung* (cosmovisão/visão de mundo) moderna, portanto, recorrer a esses dotes ideológicos oriundos da consciência de classes obsoletas, é voltar rumo ao atraso.

Apesar de provocar a reflexão acerca do caráter hierárquico da honra nesse contexto, Berger nos alerta aos possíveis erros de encurtar a amplitude da honra a esse exemplo específico, estagnando-o a um único lugar interpretativo e acional. E o porquê desse toque? Porque existem critérios de honra que atravessam sujeitos, independente das confrarias e status que possuem, como por exemplo a noção de honra das mulheres, ligadas a vergonha, orientada a ser “bela, recatada e do lar”, ou a própria noção da virilidade masculina, do uso da força enquanto dispositivo de afirmação e comprovação da masculinidade.

A bula da honra, prescreve qualidades que conectam o self com a comunidade e também o self com as normas da comunidade, e ultrajá-las é o mesmo de não se atentar às contraindicações de determinadas substâncias, e o produto dessa desprecaução, é o acometimento pelos efeitos adversos, no caso, a desonra. Cair na desonra é experienciar da mais profunda desgraça ante a comunidade e a si mesmo, perdendo o self.

Nas facções do crime, a honra é palavra-chave necessária para manutenção do status e do respeito, toda relação estabelecida nas dinâmicas faccionais, são precedidas pela honra. Um sujeito desonrado, não é digno de confiança numa facção, pois, parafraseando o interlocutor, “um cara sem honra é um pombo sujo, ninguém confia, é como um mentiroso, pode até tá falando a verdade, mas ninguém vai botar fé nas palavras. Se não tiver honra, não tem proceder”. No tópico antecedente, a palavra proceder aparece como análoga a honra, ou como o conceito de honra atualizado, ou ainda, como uma palavra que substitui o conceito de honra no crime, um lexema específico que corresponde a realidade própria ou a estrutura gramatical dos coletivos criminais.

O proceder é um conceito já discutido por pesquisadores que acompanham os fluxos dos coletivos criminais e dos modos de estruturação das facções e Comandos no país, sobretudo, aos que se dedicam ao estudo do Primeiro Comando da Capital (PCC) ou de grupos que, de alguma maneira, são atravessados pela lógica do crime e seus códigos. Segundo Marques (2014), Hirata apontou o “procedê” – com esta grafia – como o pilar mais importante do código de honra nos princípios da Lealdade, Humildade e Procedimento (LHP), em seu estudo sobre futebol de várzea, já Pereira (2005), em seu estudo sobre “pixadores de São Paulo”, fornece uma valiosa definição dessa noção:



[...] um conjunto muito particular de regras de comportamento comum a determinados grupos da cidade, que não só regula as relações entre indivíduos como também exprime o seu pertencimento. Esta ideia de proceder utilizada pelos pixadores também engloba outros dois elementos, já citados anteriormente: a humildade e a lealdade. (...) estes dois elementos garantem o funcionamento da rede de reciprocidade e asseguram alianças. Porém, a ideia de proceder é mais ampla e engloba outros elementos. Ela envolve um repertório próprio de modos de agir, de postura corporal, de fala, de gírias, de vestimenta e de outras referências comuns. Enfim, o proceder envolve um conhecimento específico, um capital simbólico peculiar a estes jovens e que inclusive extrapola os limites da pixação. O proceder remete a dois significados: o de procedência (de origem, de proveniência) e o de procedimento (de modo de portar-se, enfim, de comportamento). Pode-se afirmar que estes dois sentidos da palavra proceder no uso feito pelos pixadores. Portanto a ideia de proceder – ou simplesmente procedê, como muitos costumam dizer – refere-se a normas de procedimento permeadas por noções de procedência social” (PEREIRA, 2005, *apud* MARQUES, 2014, p. 44).

O proceder ou procedê, faz parte do código de honra do crime, ou de grupos que circunstancialmente são afetados pelas dinâmicas criminais. Em ambas as referências trazidas acima, a noção de proceder mobilizam a honra enquanto movimento propulsor de desígnio e prestígio, o desmantelamento da honra de um faccionado, implica o desaparecimento da conduta, da potência de existência e do prestígio designado ao sujeito. O “proceder” enquanto substantivo, portanto, alcança essa complexa relação entre “respeito”, “conduta”, e “atitude”. Já o “proceder” enquanto atributo, de modo diverso, se refere a essa consonância de um sujeito com o “proceder” – substantivo (MARQUES, 2014, p. 46).

É de importância ressaltar que, embora o proceder seja uma espécie de predicado pessoal, ao conversar com o Pivete - principal interlocutor desse trabalho -, esse código de ética é percebido na conjuntura específica da facção - por aqui -, enquanto elemento necessário e comum a todos, portanto, se um membro não possui o proceder, pode levar todo o coletivo ao desastre. O que nos parece estar em jogo é que a conduta desses sujeitos precisam mover-se em consonância ao coletivo, para que o mesmo não seja posto em descrédito perante a comunidade a qual a facção interage, e principalmente, aos olhos da facção rival.

O proceder e a honra operam conjuntamente na dinâmica do tráfico de drogas, portanto, a honra não foi extinta, nem tampouco, caiu em obsolescência. O proceder media os conflitos, ou a ausência e ultraje do mesmo, deflagra-os. Assim como em qualquer recorte da sociedade,



ou grupo social, o tráfico de drogas possui lógicas operacionais que lhes são próprias, e essas lógicas, são fundadas a partir das especificidades ou necessidades. Após o episódio do apagamento do emblema “Tudo 2” num muro localizado no território da facção, o “trem caro passou”, conforme mencionei. A passagem do “trem caro” em busca dos autores do ato inadmissível não foi meramente para dar conta de identificar quem apagou a marca da facção do muro, foi a reconquista da honra ou a retomada do proceder - do coletivo – que mobilizou tal iniciativa.

Se algum membro da facção, sofre qualquer tipo de ameaça ou tiver sua reputação posta em cheque, é o coletivo quem cobra do autor. Se as alegrias são compartilhadas entre os membros da facção, as dores e problemas também são. A briga de um, se estende ao outro. Por esse motivo, buscamos elucidar a dimensão estrutural faccional, seguindo as pistas partilhadas pelo Pivete. A ética do crime e a ética que permeia a cada sujeito faccionado, se efetua constantemente em ponto de ebulição, não se constrange ou se deixa mornar, ela se retifica, se reelabora a depender dos intentos que a aciona, afeta ou mobiliza. Nas palavras de Segato (2006, p. 223), “Se a moral e a lei são substantivas, a ética é pulsional, um impulso vital; se a moral e a lei são estáveis, a ética é inquieta”. Não é por acaso que o título deste trabalho é “pelos meus crias também mato e morro fora da lei”.

Algumas considerações

Os modos como o crime se efetua está longe de ser esgotado do ponto de vista analítico. Privilegiamos situações, questões da ordem do acontecimento, movimentos que escapam aos engessamentos estruturais, não que as estruturas não sejam importantes do ponto de vista antropológico, ao contrário, há tempos que a antropologia se dedica e lança olhares sobre os modos de estruturação presentes nas distintas sociedades.

O que apresentamos, neste trabalho, foram recortes do cotidiano das facções na pequena cidade do interior da Bahia, privilegiando as narrativas apresentadas pelo Pivete e cruzando-as à luz das escolhas epistemológicas que dialogam com a temática. A relevância dos conceitos que por aqui aparecem, não foram escolhas nossas, surgiram nos diálogos, no bate papo com o Pivete. O “campo” demandou algumas discussões que são importantes para o Pivete, portanto, imprescindível para as dinâmicas faccionais. Sendo o Pivete membro de uma facção, a voz dele é carregada de códigos faccionais, não que ele responda pela facção enquanto um todo, nesse



contexto, a facção responde por ele, mas sua fala, vivências, condutas, tem como ponto de partida a voz da facção.

As cenas trazidas a esse trabalho remetem ou traduzem questões importantes para se pensar sobre os coletivos criminais que agenciam o tráfico de drogas. A maneira como se constrói a amizade e a deixa borrá-la pelos laços de irmandade e parentesco, tecidos pelas vivências faccionais, conduziram o andamento dessa escrita. O retrospecto da forma como o tráfico de drogas operava antes da chegada das facções, é de extrema importância para compreendermos distâncias e aproximações com o atual modelo do tráfico, tutelada por coletivos criminais. O apagamento da pichação desencadeou eventos e relações conflituosas que perpassam o sentido do apagamento físico da marca da facção na parede, mas que desencadeou danos morais, um rasgamento da honra do ethos do crime.

As dimensões dos Conflitos, das Representações e da Construção Social da Realidade, atravessam a todo o momento as falas do interlocutor. Os eventos experienciados por ele e partilhados nesse trabalho nos possibilitou visualizar em lócus, os conceitos e discussões mobilizadas nos estudos. O tráfico de drogas, as facções, são campos que propiciam infinitas possibilidades discursivas e analíticas, podemos olhá-las por diversas óticas ou paletas, mas elas sempre se apresentam com novos rabiscos, descontinuidades, características que lhes são próprias, sem imobilizá-las ou reduzi-las a um conceito inerte.

Referências

AGIER, Michel. Nova Cosmópolis: as fronteiras como objetos de conflito no mundo contemporâneo. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 31, nº 91, p. 1-11, jun., 2016.

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. **Um abraço para todos os amigos**: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 1998.

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. “Grade de ferro? Corrente de ouro: circulação e relações no meio prisional”. **Tempo Social**, v. 25, n. 1, p. 107-129, 2013.

BERGER, Peter. **On the obsolescence of the concept of honour**. *In: Revisions: Changing Perspectives in Moral Philosophy*. Notre Dame: Stanley Hauerwas e Alasdair MacIntyre, 1983.

BERGER, Peter. Sobre a obsolescência do conceito de honra. “Duas notas de rodapé sobre a obsolescência da honra”. **RBSE–Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 14, n. 41, p. 7-20, 2015.



CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. A dimensão simbólica dos direitos e a análise de conflitos. *In: Revista de Antropologia*, vol. 53, nº 2. São Paulo: USP, 2011.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. *In: Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Ícone, 2004.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *In: Mana – Estudos de Antropologia Social [online]*, vol. 3, nº 1, p. 7-39, 1997.

MARQUES, Adalton. **Crime e proceder**: um experimento antropológico. Alameda, 2014.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e Direitos Humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *In: Mana – Estudos de Antropologia Social*. vol. 12, nº 1, p. 207-236, 2006.

Recebido: 01 de agosto de 2024

Aprovado: 27 de agosto de 2024



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

